A Morte de Sísifo

por

Airton Deppman e Alex Soletto

"Salta o peixe das vastidões do mar, salta o peixe e este salto nem sempre ocorre no momento propício (...), assim o salto, o instante do salto, esse rápido instante pode coincidir com a treva e o silêncio, pode coincidir com o mundo ensolarado, enluarado, o peixe no seu salto pode nada ver, pode ver muito, (...) e também pode no salto, no salto, no salto, encontrar no salto, exatamente no salto, uma nuvem de pássaros vorazes, ter os olhos vazados no momento de ver, ser estraçalhado, convertido em nada, devorado, e o espantoso é que esses pássaros famintos representam a única e remota possibilidade, a única, concedida ao peixe, de prolongar o salto, de não voltar às guelras negras do mar. Mas não serão essas aves, seus bicos de espada, uma outra espécie de mar, sem nome de mar?"   Avalovara - Osman Lins

1- Sísifo não quer morrer

Na mitologia grega, Sísifo era um mortal que conseguia ludibriar os deuses, ou pelo menos assim ele acreditava. Atraiu a ira de Zeus ao se intrometer nos assuntos do Olimpo, e por isso foi condenado à morte. Este mito é geralmente interpretado como símbolo da resiliência e determinação humanas, mas uma abordagem diferente pode revelar outras facetas desse mito que podem suscitar conexões com aspectos da filosofia moderna.

Segundo a mitologia grega, o deus da morte é Tânatos, filho da deusa Nix (Noite) e do deus Érebo (Trevas), responsável por ir buscar os mortais e encaminhá-los a Hades, o deus da terra dos mortos. Tânatos foi em busca de Sísifo, mas este o enganou: mostrou-se curioso pelas correntes que o deus trazia para acorrentá-lo, pediu permissão para observá-las e, com isso, conseguiu acorrentar o próprio deus da morte. E quem não gostaria? Mas Hades, percebendo que Tânatos não retornava trazendo Sísifo à terra dos mortos, descobriu o deus acorrentado e o liberou, mas o Rei de Corinto já havia escapado.

Esta esperteza só aumentou a ira dos deuses. Zeus mandou que Sísifo fosse encontrado e levado à terra dos mortos, e assim foi feito. Para os helênicos, o espírito dos mortos só podia permanecer sob o domínio de Hades se o seu corpo fosse devidamente enterrado. Por isso, Sísifo, sabendo que não escaparia por muito tempo de Tânatos, pediu à sua mulher que não o enterrasse.

Uma vez à frente de Hades, Sísifo informou-o de que sua mulher não havia enterrado seu corpo e pediu autorização para voltar a Corinto a fim de solicitar que o enterro fosse feito de forma apropriada. Mas, ao chegar a Corinto, fugiu novamente com sua mulher. Irado com mais este engodo do mortal, Zeus o condenou ao trabalho eterno que consistia em levar uma grande rocha até o pico de

uma montanha apenas para vê-la rolar de volta para o vale, e então recomeçar o trabalho, outra e outra vez.

Este mito grego nos confronta com dois aspectos universais da existência humana. De um lado, o nosso desejo insuperável de evitar a nossa própria morte; de outro lado, conformar-se com a inutilidade das nossas vidas. Embora tenhamos consciência de nossa existência efêmera, mesmo vivendo a experiência da morte de outros seres vivos relutamos em encarar a nossa.

Um indício da nossa incapacidade de aceitar o nosso inevitável fim transparece já na dificuldade de entendermos o mundo sem a nossa existência. Quem consegue visualizar mentalmente o que seria a vida de seus familiares mais próximos após a sua morte? Pode-se até imaginar a dor e as lágrimas; pode-se prever o que acontecerá nos dias seguintes: o luto, as memórias e as lembranças. Mas qualquer coisa além disso fica envolta numa névoa que esconde o fato de que aquelas pessoas seguirão vivendo, que novos acontecimentos afetarão suas vidas e que nossa ausência indicará que não temos mais nenhuma parte nesses acontecimentos. Pior que isso, jamais tomaremos conhecimento das alegrias e tristezas que acometerão nossos entes queridos após a nossa morte. O tema da negação da morte é recorrente na Psicologia. O antropólogo cultural estudioso da interdisciplinaridade científica, Ernest Becker é um dos expoentes na área. Esse acontecimento envolto em densa falta de visibilidade se apresenta para a mente humana como um abismo, um despenhadeiro onde não se pode enxergar o fundo. A impossibilidade de ver resulta no Absurdo, isto é, uma área onde a racionalidade humana deixa de ser efetiva.

É esse deslocamento, essa ignorância dos acontecimentos, que nos espanta. A nossa limitação em encarar a finitude de nossas vidas nos leva sempre a imaginar que, após a morte, de algum modo estaremos em um lugar especial acompanhando todos os acontecimentos, e talvez, até interferindo nos destinos de nossos entes de alguma forma. É a falta de informação e de ação sobre o que acontece que nos bloqueia.

A roteirista e diretora de filmes, a sueca Lisa Langseth, dirigiu o filme Euphoria (bom estado em grego) que conta a história ficcional de uma clínica destinada a acolher pessoas com doenças terminais. Lá, elas aprendem a encarar a morte como um processo natural, que deve acontecer de forma tranquila, até aceitarem a eutanásia (boa morte, em grego) como a melhor forma de passagem. O uso do termo "passagem" é significativo da nossa aversão em aceitar o fim. Ele se refere ao próprio evento que, na verdade, encerra as nossas vidas. A eutanásia é um suicídio assistido, portanto o tema está intimamente relacionado com a nossa insatisfação com o Absurdo, com aquilo que vai além da névoa espessa. O filósofo Albert Camus é um dos que abordou o tema do suicídio, o qual considerou o mais importante conceito filosófico que pode existir. Para ele, causar a própria morte representa uma tentativa racional de solucionar o Absurdo, o que é incompatível com o fato deste não ser racional, como veremos adiante.

Mas não é apenas após a nossa morte que passamos a não existir. Já não existíamos antes do nosso nascimento. Existe alguma diferença entre a não-existência após a morte e a não-existência antes do nascimento? Em certos aspectos, sim. A não-existência anterior ao nosso nascimento acontece, obviamente, no passado. E já nos acostumamos a não poder interferir nos acontecimentos do passado; portanto, este aspecto não apresenta o mesmo sofrimento que gera a não-existência futura. No entanto, podemos estabelecer um paralelo entre a neblina que envolve os acontecimentos após a morte com os que acontecem antes, ou mesmo logo após o nascimento. As memórias dos primeiros meses de nossas vidas não são acessíveis, pois após cerca de 24 a 36 meses do nascimento o cérebro sofre uma mudança radical de estrutura, com uma profunda redução do número de sinapses. Algumas pessoas, no entanto, afirmam ter lembranças dessa fase da vida. Isso indica a criação de falsas recordações, fato bastante comum durante toda a nossa vida. As falsas memórias que não são realmente uma mentira – já que a pessoa realmente acredita nelas – revelam a nossa insatisfação com o desconhecimento do que aconteceu antes ou logo após o nosso nascimento. A névoa que encobre nosso futuro remoto, também está presente no nosso passado remoto.

Outra diferença é que temos acesso às informações sobre o que ocorreu antes de nascermos. Porém, se analisarmos em profundidade como encaramos esses acontecimentos, veremos que, na verdade, a nossa consciência tem tanta dificuldade em aceitar a nossa não-existência antes do nascimento quanto após a morte. A mesma bruma que encobre os acontecimentos no futuro também o faz com aqueles do passado. Tudo aquilo que aconteceu antes de nosso nascimento assume o caráter de História, algo que aprendemos em livros ou nos relatos de outras pessoas. A existência desses acontecimentos ganha sempre um aspecto quase ficcional, uma irrealidade que deixa transparecer os limites da nossa capacidade de aceitar que nossa vida tem dois limites: o nascimento e a morte. Aqui também a psicologia tem avançado, e os traumas do nascimento ganham relevância no entendimento dos traumas humanos. O psicanalista e escritor austríaco Otto Rank foi o pioneiro nos estudos desses traumas.

No inicio dizíamos que o mito de Sísifo nos revela dois aspectos universais, sendo a incapacidade de aceitarmos a própria morte um deles. De fato, ele tenta escapar da morte e, por duas vezes, é bem-sucedido. O outro aspecto se revela no castigo que Sísifo recebe. Escapa da morte, mas é obrigado a passar a eternidade diante da evidência da inutilidade de sua vida. Se os deuses são imortais, é porque na existência deles reside um significado eterno. Os homens são mortais exatamente porque suas vidas não têm nenhum sentido.

Erguer a rocha até o topo da montanha apenas para que ela role novamente para baixo e retomar esse mesmo trabalho, repetidamente, sem descanso, sem fim e sem nenhum resultado que não seja recomeçar, imprime em nossa mente a inutilidade de todo o esforço despendido por Sísifo. Nada de efetivo resulta de todo esse trabalho. A inutilidade da vida eterna do personagem mitológico é desesperadora.

É com esse mito que os deuses gregos tentam nos convencer de que a finitude de nossos dias não é de todo mal. A resposta humana, no entanto, não é a aceitação

conformada da morte, mas a busca incessante pelo sentido da vida. Veremos, a seguir, como essa busca gera outras tensões que permeiam as nossas vidas nos seus elementos mais cotidianos. Carregar nas costas o peso da consciência da morte não passa sem dores nas articulações.

2- O peso da mochila

Uma consequência do alto desenvolvimento intelectual comparado a outras espécies – um orgulho e atestado autoconcedido de superioridade diante da Natureza – a consciência de nossa existência individual é um presente inesperado e, até certo ponto, indesejado. Se os genes são egoístas, não resta dúvidas de que um deles, ou uma pequena e rara combinação deles, goza do dom do sarcasmo.

Essa consciência da existência, tanto individual quanto coletiva, nos impõe registros de Moral e Ética; e se por um lado nos permite desenvolver aptidões como a cooperação e o altruísmo, ela também nos coloca diante da exiguidade de nossa maior riqueza: o tempo. Conhecedores de nossa existência única, reconhecendo que somos produto de um enorme encadeamento de eventos improváveis e uma sequência constantemente ameaçada por incontáveis adversidades, concluímos que somos um milagre.

A importância de nossa vida, como indivíduo – já que a espécie depende muito pouco de cada um de nós – cresce na mesma medida da nossa consciência de que somos frutos do acaso. Se em vez desta fortuita combinação de genes fosse outra entre milhões de pares óvulo-espermatozoide competindo pela vida, quem estaria em nosso lugar? E o que ele estaria fazendo? Teria maior sucesso? Contribuiria mais para a família? Para a humanidade?

Mas a nossa raridade é muito maior do que uma em um milhão. O que dizer da existência de nossos pais? Se apenas um deles não houvesse nascido, nossa existência não poderia nem mesmo ser cogitada. Considere, então, a sequência

inesperada, não planejada e nem mesmo imaginada, uma sequência inexplicável de eventos que fizeram esses genitores, num dia, se encontrarem, decidirem se reencontrar e finalmente, depois de idas e vindas, num momento de indecisão e dúvidas, com enorme receio da repercussão que aquela decisão implicaria em suas vidas, decidirem formar uma família.

Se já não fosse evidente a improbabilidade de sua existência, considere que, naquela noite em particular, um convite para sair com amigos, um filme mais prolongado na televisão, uma disputa de algum campeonato ou meramente uma dor de cabeça e pronto, você não estaria lendo estas linhas. Você deve a sua existência à ausência de uma eventual enxaqueca. Convencidos de que somos o resultado de um milagre, nossa existência ganha ares de divindade. A estatística não nos permite duvidar: estamos aqui por um motivo. Temos uma missão a cumprir, e ela certamente é grandiosa. Tudo somado, considerando toda a ancestralidade que teve de existir para garantir a nossa vida, isso só pode se dar para que pudéssemos realizar a obra especial e única que nos cabe. O problema é: que obra é essa?

Diante de tal pretensão à grandiosidade, não impressiona que os deuses deixassem um recado tão duro quanto a inútil obra de Sísifo. E não faltava a ele os requisitos para se considerar especial; ele foi o primeiro rei de Corinto e era considerado um dos homens mais astutos de sua época. Qual é nosso lugar na fila do pão?

Espremidos entre a premência de realizar uma obra que justifique a nossa existência e a brevidade de nossa vida, a angústia toma conta de nossa alma. Somos bilhões competindo para sermos únicos ao menos em nossa era. Se considerarmos o quanto grandes homens já fizeram no passado, nosso tamanho diante do desafio que se coloca defronte de nós é tão ínfimo que só o desespero se apresenta como uma saída digna.

O homem é o único animal que carrega ao longo da sua vida a consciência da própria morte. Este é um fardo pesado.

A mente humana é capaz de suportar o estado de desespero por algum tempo – minutos, horas, alguns dias no máximo. Para além disso, o desespero é transformado em outros estados mentais, mais comumente chamados de transtornos. Depressão, ansiedade e hiperatividade são os exemplos mais comuns. Os vários problemas comportamentais que afligem a nossa época de modo tão evidente podem ter uma causa comum: a incapacidade de aceitarmos ao mesmo tempo os limites estreitos de nossa existência e a falta de sentido para esse milagre.

Do ponto de vista psicológico, o imperativo do sentido da vida abre um caminho para compreender doenças que atingem camadas cada vez mais espessas da população. Do ponto de vista filosófico oferece uma estrada para compreender o comportamento muitas vezes irracional do ser que se consagra como o único apto a tomar decisões baseadas em evidências lógicas.

Se é possível elaborar uma história das ideias, esta revelará que a razão tem um papel limitado na construção do conhecimento humano. Introduzida pelos filósofos gregos pré-socráticos, e tendo Thales, Parmênides, Anaxágoras e Eráclito como expoentes mais notáveis, o uso da razão para compreender o mundo foi um salto de fé. Antes disto, a visão mística dominava a forma de enxergar o mundo.

Foi milênios depois que a Razão tomou lugar de preferência no entendimento do mundo. Rene Descartes e Galileu Galilei são dois dos grandes nomes que criaram o Método Científico. Secundados por Isaac Newton, estabeleceram as bases da ciência moderna. Anos depois, o conhecimento gerado por esse método levou à Revolução Industrial.

O sucesso do método científico foi impressionante. A compreensão do movimento dos astros e planetas cedeu lugar para o desenvolvimento de máquinas e meios de transporte. Repentinamente, os meios de produção aumentaram a eficiência, a área urbana se transformou no centro do poder econômico, substituindo a área rural.

Uma intensa migração para as cidades teve início, num movimento que se estende por séculos até os dias atuais.

No século XIX, as vantagens da abordagem sistemática e racional para a compreensão do mundo eram tão evidentes que nada escapava do alcance da razão. Dos fenômenos naturais, das máquinas aos sistemas biológicos, até a forma de organização social, o comportamento dos homens a a própria evolução da História, tudo era submetido ao escrutínio rigoroso da razão.

Na obra Avalovara do escritor brasileiro Osman Lins, um peixe salta sobre a água, cruza o espelho d'água, vê o céu, observa na praia distante as pessoas a brincar na areia e, ao afundar, crê que compreendeu tudo. O romance é um trabalho sobre a brevidade da vida e o anseio pela compreensão máxima. O romancista criou uma metáfora da pretensão humana de abarcar com sua mente, e no curto intervalo de sua breve e imprevisível existência, todo o conhecimento que o mundo contém.

A diferença entre o remédio e o veneno está na dose. A crença de que a razão era a única ferramenta aceitável para se tomar decisões e para compreender o mundo deixou heranças boas e ruins que se tornaram dramaticamente evidentes no século XX. Curiosamente, a virada do século marca o momento em que a razão passa a ser olhada com desconfiança.

Com o tempo, passou a ficar evidente que questões importantes não podiam ser tratadas completamente pela razão. Muitos problemas relacionados à ética e à lógica, para citar algumas áreas, não obtêm uma resposta completa com base puramente no raciocínio lógico. Ao se perguntar sobre o sentido da vida, o ser humano se depara com alguns desses problemas. Aqui a razão sofre um bloqueio e, paralisada frente ao desafio, não permite nem o avanço na direção da resposta e nem o retrocesso rumo ao uso de outras ferramentas. Neste momento, o indivíduo se vê desamparado, sem nenhum mapa para guiá-lo. E ao longo dos últimos anos do século XIX e de todo o século XX, muitos avanços no entendimento dos limites da

razão foram alcançados. Neste contexto, um aspecto da linguagem ganha relevância: o paradoxo.

3- O Salto do Peixe

Os paradoxos evidenciam uma falha do raciocínio lógico. Quando podem ser resolvidos, mostram que a aplicação do método lógico continha erros; quando o paradoxo não pode ser resolvido, nos coloca diante de uma limitação da própria lógica.

Há vários exemplos de paradoxos insolúveis. Um caso mais transparente e de fácil entendimento é conhecido como o Paradoxo do Mentiroso com a seguinte frase:

Esta frase é falsa.

Estas quatro palavras, cada uma delas com um significado simples, claro e facilmente alcançado enquanto separadas, mas quando colocadas em conjunto, uma atrás da outra, encerra uma armadilha lógica da qual somos incapazes de escapar. A afirmação acima só pode ser verdadeira se for falsa, e só pode ser falsa se for verdadeira.

É provável que, antes de você retomar a leitura neste ponto, tenha usado vários minutos procurando a solução deste paradoxo. Se não encontrou, não se preocupe. O Paradoxo do Mentiroso, foi elaborado há muito tempo, e desvenda que nossa linguagem é um mecanismo lógico construído com uma racionalidade num nível que conseguimos alcançar – é por isso que nos comunicamos! - e portanto é limitada.

Embora seja um paradoxo conhecido, e mesmo que revele uma limitação da nossa linguagem, não é por isso que cessamos de nos comunicar. E linguagem, aqui, não se refere a uma língua específica; não importa se você se comunica em inglês, espanhol, mandarim ou francês, a estrutura da linguagem sempre traduzirá as

categorias inatas do nosso pensamento: tempo e espaço; causa e efeito; pertencimento; categorização, entre outros.

Na passagem do século XIX para o XX, tanto as artes quanto a filosofia apontavam para os limites da razão na busca de resposta para questões importantes. Em Crime e Castigo, do escritor russo Fiodor Dostoievski, o jovem Raskolnikov percorre um longo caminho lógico para motivar o assassinato de uma idosa rica. Após concretizar seu plano entra numa espiral de remorso e arrependimento que o leva à loucura.

A escritora brasileira, Clarice Lispector, percorre os labirintos da mente de uma mulher, G. H., quando ela se depara com uma barata no quarto vazio da empregada que deixara o emprego. O escritor tcheco Franz Kafka relata o absurdo da perseguição implacável de um Estado ditatorial e burocrático a um cidadão em O Castelo e em O Processo. Ele também explora as intrincadas relações familiares em A Metamorfose.

O que todos esses escritores têm em comum é uma enorme habilidade para transmitir um estado psicológico, uma atmosfera social, uma relação conflituosa e todas essas situações que não podem ser descritas diretamente com palavras sem perder o mais importante. É a construção da história contada, mais do que uma ou outra palavra ou frase, que transmite de forma única uma sensação que, a rigor, não poderia ser descrita. Nas artes plásticas, o rigor da pintura clássica foi abandonado em favor da capacidade de transmitir, através de pinceladas esfumaçadas e borrões de cores, aquilo que não pode ser capturado nem por uma máquina fotográfica.

O filósofo austríaco, naturalizado britânico, Ludwig Wittgenstein foi, talvez, o que melhor descreveu os limites da linguagem. A obra que determina sua primeira fase intitulada Tratado Lógico-Filosófico, termina com a frase: "Onde não há o que se dizer, que se faça o silêncio". É a primeira vez na filosofia, que um pensador

reconhece que existem espaços do conhecimento em que não há nada racional para ser dito.

Ele considerava que sua obra encerrava todo o debate filosófico possível, e se afastou de toda atividade acadêmica. Foi trabalhar como jardineiro. Retornou, anos depois, para negar tudo o que havia produzido na sua primeira fase. A vida de Wittgenstein, pode-se dizer, é o retrato do papel da irracionalidade.

O que motivou o retorno do filósofo à sua atividade foi a descoberta de um jovem estudante de lógica matemática ao desenvolver sua tese de doutorado. Em 1931, o filósofo, matemático e racional austríaco, naturalizado norte-americano Kurt Göedel conseguiu provar um teorema matemático que afirma que esse mesmo teorema é falso. É uma versão matemática do Paradoxo do Mentiroso. Outros paradoxos matemáticos já haviam sido encontrados, mas com o conhecido como Teorema da Incompletude de Goedel, o jovem matemático conseguiu concluir que todo sistema lógico formal suficientemente complexo – ou seja, aqueles sistemas que têm utilidade – são incompletos. Isto significa que existem afirmações verdadeiras que podem ser reconhecidas por nós, mas que são impossíveis de serem demonstradas dentro do sistema matemático.
A conclusão do matemático está correta, mas ela só pode ser obtida porque, de alguma forma, a mente humana consegue solucionar uma questão que o sistema matemático não pode resolver.

Isto deixou Wittgenstein intrigado, irritado e, posteriormente, curioso. O filósofo encarnava com sua personalidade controversa a figura do gênio excêntrico. Ele percebeu que o que jovem filósofo fez em relação à lógica matemática e ao seu teorema paradoxal era equivalente a alguém solucionar o Paradoxo do Mentiroso na nossa linguagem. Göedel mostrava que a última frase do Tratado Lógico-Filosófico, "Onde não há nada a se dizer, que se faça o silêncio" estava errada. Em outras palavras, o jovem filósofo quebrou o silêncio estabelecido por Ludwig.

Com isso, o grande filósofo Wittgenstein se viu forçado a reiniciar o seu trabalho filosófico, negar toda a sua obra anterior e fundar um novo ramo da filosofia: a Filosofia da Linguagem. Aqui, ele passou a investigar quais propriedades existentes na nossa linguagem permitem que se superem paradoxos que a lógica formal não consegue resolver. Estudando os chamados "jogos de linguagem", ele explorou como o significado flutuante e impreciso da linguagem coloquial carrega mensagens que a própria razão desconhece. As palavras são pinceladas grosseiras e imprecisas que desenham imagens mentais mais profundas do que o rigor matemático pode fazer.

Boa parte da filosofia do século XX se dedicou a desconstruir a linguagem, a investigar como a imprecisão pode conter mais informação do que a palavra bem definida, a relativizar conteúdos. E do mesmo modo que ocorreu com a defesa intransigente da razão no século anterior, a relativização foi levada aos seus extremos. É nesse ambiente de contestação do valor da razão para resolver problemas – ou ao menos alguns deles – que se insere a questão do sentido da vida. Seria esta uma das questões que não podemos responder?

O fato de a razão não ser a ferramenta suficiente para resolver todas as questões com as quais nos defrontamos não é motivo para que ela seja totalmente descartada. Ao contrário, ela é o único porto seguro onde podemos ancorar nossas certezas. Abandonar completamente a razão é como estar à deriva num mar revolto. Devemos aprender a usá-la mesmo sabendo que ela tem as suas limitações. À descoberta de que existem limites para a aplicação da razão, segue-se a pergunta óbvia: então, quais são os problemas que não podem ser respondidos racionalmente? E para nossa infelicidade, este é uma das questões que a razão não pode responder, o que significa que a questão sobre o sentido da vida pode estar entre aquelas que não podem ser solucionadas, e nunca saberemos isso com certeza. Assim, somos deixados no meio do deserto com uma bússola poderosa, mas com um

mapa borrado, que não nos permite saber se a direção apontada nos leva para o destino desejado.

Os deuses do Olimpo sabem ser sarcásticos.

4- Na borda do desfiladeiro

O peso da consciência da própria morte, associado à sensação de ser a sua vida o resultado incerto de um milagre probabilístico, coloca o homem na ingrata situação de se sentir impelido a encontrar um sentido para a sua vida. Vários subterfúgios forma criados pela própria humanidade para justificar a existência de cada um dos seus indivíduos. São inúmeros os modos que os homens criaram para dar um sentido à sua existência: a busca incansável por conhecimento, a procura insaciável pela riqueza, o consumo desmesurado do prazer em todos as formas e vícios. Não é difícil de compreender que essas tentativas são fadadas ao fracasso.

Primeiramente, os objetivos postos são artificiais e fogem dramaticamente das necessidades básicas de cada indivíduo. Do ponto de vista pragmático, as necessidades que determinam a existência do homem não satisfazem o anseio de preenchimento dessa existência fugaz.

Além disso, os objetivos criados artificialmente estabelecem uma escala de sucesso que só agrava a frustração. Se antes a angústia se dava pela sensação de vazio, agora se soma a ela a desilusão de não alcançar aqueles objetivos imaginários. Na escala de sucesso há poucos lugares para os vencedores, e à imensa maioria de perdedores resta a desilusão, a depressão e a sensação de fracasso.

Embora o problema resida na escala de objetivos que, a rigor, não se sustentam como determinantes de uma vida plena e, portanto, falham em dar um significado superior para a vida. É muito difícil escapar dessa armadilha que nos foi imposta por nós mesmos. O resultado desse aprisionamento é uma crescente variedade de

problemas psicológicos e sociais. Nos colocamos voluntariamente em camisas-de-força, e não perdemos a oportunidade de culpar o outro, quem quer que seja ele.

Armados com nossa racionalidade, nos aproximamos perigosamente da borda do abismo da falta de sentido e nos voluntariamos a enfrentar o desfiladeiro usando uma ponte estreita, frágil, oscilante. A queda é quase inevitável. Mas por que fazemos isso? Encontrar a resposta para esta pergunta representa uma libertação de amarras tão restritivas quanto irreais. Em retrospectiva, observando o longo aprendizado sobre nosso processo de conhecimento do mundo e de nós mesmos, torna-se evidente que abordar o problema do sentido da vida com base exclusivamente na razão é um caminho fadado ao insucesso. A dificuldade em aceitar este diagnóstico se desdobra em duas frentes: não sabemos usar outra ferramenta que não seja a razão; a ausência de uma resposta inteligível não representa uma solução. As dificuldades não são desprezíveis. Embora a racionalidade tenha seus limites, os resultados já obtidos com o uso sistemático da razão são grandiosos. Abandonar completamente o raciocínio lógico nos leva, primeiramente, a um relativismo deletério e, no longo prazo, a um retrocesso ao misticismo. A solução é continuar a utilizar a razão mas aprendendo a identificar suas fronteiras.

Por outro lado, todo conhecimento só se realiza após a validação coletiva. Não existe conhecimento se ele não é compartilhado, compreendido, verificado e aceito por uma coletividade. Esta necessidade impõe uma restrição severa ao que se pode chamar de conhecimento. A inteligibilidade do conhecimento se estabelece na sua difusão entre outras pessoas e grupos. E só é inteligível aquilo que pode ser comunicado. Ainda jovem com seus vinte e um anos, o filósofo e sociólogo judeu alemão Walter Benjamin, já nos ensinava que só reconhecemos aquilo que se comunica conosco. Mas se temos apenas a linguagem para comunicar os nossos pensamentos, sentimentos e impressões, e se nossa linguagem está submetida à

razão, então retornamos ao labirinto sem saída, limitados a uma região pequena da realidade: aquela racionalizável. Este é o Absurdo de nossa existência.

Uma jovem mulher descobre que está grávida e tenta transmitir a sua amiga sem filhos a emoção da maternidade; um homem tenta explicar aos amigos por que escolheu aquela mulher para se casar; o casal que tenta explicar os motivos que levaram ao fim do seu relacionamento. Assim como a dor de dente, podemos reconhecer todos esses elementos, mas nunca saberemos o que eles realmente significam. São muitos os casos de narrativas que nunca serão plenamente compreendidas. Uma pessoa vive uma epifania e tenta passar esse testemunho para outras pessoas. Pais que enterram seus filhos e são consolados pelos amigos. Empatia é nossa capacidade de reconhecer o sentimento do outro, mas jamais poderemos sentir o que o outro sente. Os sentimentos não são transmitidos racionalmente e qualquer tentativa de descrevê-los sempre resulta em uma versão empobrecida do que se sente.

Não são apenas sentimentos e emoções que são incomunicáveis. Princípios morais também sofrem desse problema. Qualquer lista de princípios cai pateticamente no moralismo, sempre aquém de resolver a realidade muito mais complexa. Não faltam exemplos comuns e corriqueiros de situações que estão além dos limites de nossa linguagem. Surpreende, portanto, a nossa resistência em aceitar as limitações da lógica.

Na verdade, a resistência não vem da falta de evidências; ela nasce da ausência de alternativas. Aquilo que não pode ser transmitido não pode ser verdadeiro. Cientificamente, uma verdade é estabelecida através de uma tese. A tese parte sempre de hipóteses, que é uma palavra grega que significa "teses fracas". A tese fraca é uma verdade assumida sem a necessidade de ser demonstrada. Quanto mais fraca for a hipótese, mais sólida ela é - a fraqueza da hipótese espelha o fato de que ela é facilmente aceita pelos outros. Toda a Ciência se baseia explicitamente nesse

mecanismo para estabelecer a verdade. Sem uma prova baseada em hipóteses sólidas, resta apenas a dúvida.

Ao admitirmos a existência de coisas que não podem ser racionalizadas, estamos assumindo que elas não podem ser provadas e também não são hipóteses universalmente aceitas. É admitir um mundo onde a dúvida é o único recurso intelectual. Mas a dúvida aterroriza o ser que tem como função primordial a compreensão do mundo. Conviver com o anseio pela vida eterna e a dúvida sobre o sentido da vida gera o vazio existencial que oprime o ser humano. Aprender a trilhar este estreito caminho entre o desejo de viver e a falta de sentido em continuar vivendo é um problema filosófico e não apenas psicológico.

O tema do sentido da vida, ou sua ausência, tornou-se central para os filósofos existencialistas. Um dos primeiros a abordar o tema foi o filósofo e teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard. Para ele, somente com um salto de fé o homem pode superar o vazio de significado da vida. Esse salto indica uma ruptura: não existe a continuidade de uma progressiva compreensão racional, mas uma descontinuidade que só um apelo a um ser superior permite cobrir.

O filósofo e psiquiatra alemão Karl Jasper também reconheceu o conflito humano e o desespero resultante da falta de solução racional para o paradoxo existencial. Sua solução é parecida com a de Soren Kiekegaard, mas evita a associação com a religiosidade. Em vez de um salto de fé, propõe o reconhecimento e o maravilhamento com a transcendência. O que são fé e transcendência? No que elas se assemelham? No que diferem? Nada disso é claro, e a causa da névoa que cerca esses conceitos se deve ao fato de que aqui já estamos além do terreno onde a razão pode fincar seus pés solidamente. Chagamos na borda do abismo, olhamos o desfiladeiro, e demos um passo à frente. Não se pode pretender a firmeza do terreno sólido da razão; estamos em pleno ar.

Outros filósofos existencialistas procuraram evitar tamanha ousadia. Chegaram à borda do precipício, olharam o abismo, mas em vez de dar um passo adiante, resolveram continuar com os pés no chão. Heidegger propõe como solução do conflito a simples aceitação da morte. É a proposta do filme Euphoria: chegue na borda do abismo, sente-se numa cadeira e aprecie a paisagem enquanto pode. Não apela ao transcendente, mas não resolve a angústia; apenas sugere que nos acostumemos com ela.

O filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre tem atitude semelhante, embora não veja no paradoxo uma angústia, mas uma libertação. Segundo ele, a falta de sentido se deve à grande liberdade do homem em criar seu próprio destino. Se a vida é curta, viver intensamente é a única forma de aproveitá-la ao máximo. Sartre chega à beira do abismo, olha o desfiladeiro, mas não vê ali nada de interessante. Então, em vez de ficar apreciando o vazio, como o filósofo, escritor e reitor universitário alemão Martin Heidegger sugere, o filósofo francês propõe virar de costas, explorar o terreno sólido, apreciar as flores do campo. É uma saída romântica, sem dúvida, mas é factível? Poderia o homem se apegar à vida e ignorar a morte até os minutos finais? Ainda apreciaria as flores do campo mesmo quando o terreno sólido estivesse já reduzido a uma pequena vereda cercada de abismos por todos os lados?

O escritor, filósofo e dramaturgo franco-argelino Albert Camus propõe uma solução diversa. Também se recusa a dar um passo além da borda. Não quer se sentar e apreciar o desfiladeiro confirmando-se à própria angústia, e nem pretendo o autoengano do divertimento ingênuo, evitando reconhecer que o abismo está lá. A sua solução é a revolta. É chegar na borda do abismo e não enxergar beleza nem adiante, no vazio, e nem atrás, no terreno sólido. Propõe um grito de revolta, alto, estridente e prolongado. Um grito que dura a vida toda. Mas quem está lá para ouvi-lo? A revolta contra a borda poderia modificar seus limites? Ampliaria o terreno sólido ou construiria pontes para superar o vazio? O que Camus propões é

que Sísifo se revolte contra o trabalho inútil, e adicione ao esforço extenuante a revolta ineficaz.

Assim, as abordagens filosóficas oferecem pouco para resolver o problema existencial. Em todas as profundas análises propostas, ou nos atiramos no abismo imaginando que poderemos flutuar, ou permanecemos em terreno sólido, mas com uma atitude tão inútil quanto patética. Em todas elas carregamos a desilusão do labirinto sem saída. Podemos classificar as diferentes abordagens, grosso modo, em dois grupos: no primeiro, a solução é um salto na direção desconhecida, um abandono total da razão. No outro grupo, é uma tentativa de negação, é fechar os olhos para o absurdo, esperando que ele desapareça. É admirar o contrário à razão acreditando que a angústia diminuirá, ou ainda, uma revolta contra o precipício esperando que ele diminua ou desapareça. Neste grupo, acredita-se que o indivíduo deva estar apegado à razão, como se a atitude de ficar no chão seguro fosse mais racional do que a do salto no vazio.

Mas não, não é!

5- O pecado original

As tentativas de acomodar a sensação de absurdo diante da nossa impotência em aceitar a finitude e a falta de sentido de nossa breve existência se mostram insatisfatórias. Umas sugerem abandonar de vez a razão, o porto seguro onde ancoramos nosso desenvolvimento, o chão sólido onde nos acostumamos a tomar nossas decisões. O paradoxo formado pelo anseio de uma vida eterna e sem sentido, neste caso, se resolve na dissolução da racionalidade: a vida eterna é um benefício grande demais para que se exija, além disso, algum motivo para viver.

Do outro lado, a solução se baseia em abrir mão da vida eterna, acomodar-se à finitude - seja pela revolta, seja pela admiração, ou ainda pelo esquecimento de que o fim se avizinha. Apega-se à razão massacrando a vontade, o anseio. É uma desistência: o paradoxo é resolvido pela derrota. A filosofia, então, não nos aponta uma saída digna. Nas suas especulações, a racionalidade filosófica aproxima-se da religião, chega a tatear o transcendente, o salto de fé, mas recua, contorna, não assume o irracional completamente

Seria o caso de encontrar na religião ou espiritualidade uma saída melhor? Kierkegaard foi o filósofo que mais claramente apontou nesta direção. O Salto de Fé é a forma mais próxima de aceitar o Eterno por meios quase inteiramente racionais. Jasper disfarça a religiosidade que, mascarada pela Transcendência, permanece num meio termo entre a espiritualidade e uma espécie de panteísmo evolucionista, uma dissolução do indivíduo na Natureza, uma busca pela elevação imanente através do transcendente, seja lá o que for isso. Enquanto Kierkegaard se aproxima do monoteísmo judaico-cristão, Jasper se aproxima das religiões orientais, em particular da visão budista de integração entre o indivíduo e o universo.

As religiões politeístas não nos oferecem muito refúgio. Aqui seremos sempre vítimas de chacota dos deuses, uma diversão, um passatempo. Na melhor das hipóteses, teremos uma montanha e uma rocha para eternizarem a nossa humilhação pela pretensão à imortalidade.

A solução budista é, de certa forma, uma antecipação da morte. Ao tentar resolver o paradoxo pela integração total do homem com o Cosmo, nos entrega a eternidade removendo a individualidade. De algum modo, destrói a razão negando a existência. Inverte a fórmula cartesiana "Penso, logo existo" e anula a existência individual. Se não há quem existe, não há alguém para pensar. Somos todos parte de uma energia cósmica que existe em si e para si. O paradoxo deixa de existir porque passamos a ser eternos, mas a razão não existe mais.

Resta-nos procurar refúgio na religião monoteísta. Se desconsiderarmos a tacanha tentativa dos faraós egípcios de criar um monoteísmo centrado em múmias trancadas em pirâmides, sobra a religião judaico-cristã-islâmica. Para os nossos fins, as diferenças – marginais ou não - entre cada uma dessas religiões não serão importantes. Em particular, os cinco livros do Pentateuco já serão suficientes para entendermos como o monoteísmo encara o paradoxo do qual nos ocupamos, e qual a solução apontada, embora a solução apareça de forma mais clara em outro livro, como veremos adiante. O ponto primordial da visão judaica é a existência de um único Criador, que é onipotente e bondoso. Deve também ser Eterno, já que a onipotência inclui a capacidade de ser sem depender de nenhum acontecimento anterior. A bondade resulta de ter se ocupado em criar um mundo, os seres vivos, e ter tido o cuidado de garantir que tudo fosse bom. De fato, no livro Gênesis, a cada uma das etapas da criação o Criador verificava que o resultado estava bom. Por que um ser onipotente deve verificar a posteriori se sua criação é boa? Só há uma explicação possível: fazer as criaturas entenderem que Ele é bom e também transmitir o senso de Estética. E funcionou, até certo ponto.

Um ser onipotente não erra, portanto se a Criação deixou de ser boa, não é nem por vontade e nem por culpa do Criador. O pecado original de Adão e Eva é o único culpado possível. A onisciência é uma prerrogativa da onipotência, portanto o acontecimento do pecado, do primeiro ao último, não pode ser isolado completamente do Criador. A forma como o Ser onipotente e bondoso permite a ocorrência do pecado tem toda a aparência de um novo paradoxo. Mas não é como veremos adiante.

O Pecado Original não é original só por ter sido o primeiro. Ele é também a origem de todos os outros. Mas qual é a relação entre o pecado e o vazio existencial que discutimos aqui? Existem várias, e a mais evidente é que a falta de sentido da vida parece estar intimamente ligada à tendência do homem ao pecado. A relação mais importante, porém, vem da interpretação religiosa de que a morte tem origem no pecado. Adão e Eva foram criados para uma vida eterna no Jardim do Éden. O pecado original não apenas os privou de usufruir o ambiente perfeito do paraíso, lhes levou também a eternidade. E desde então os humanos têm essa nostalgia do Éden, que se manifesta na vontade de viver para sempre, um simulacro da vida eterna que já parece ser suficiente para quem tem seus dias contados. Compreender como se deu o primeiro pecado, aquele que originou todos os outros, passa a ser crucial na abordagem judaico-cristão para o entendimento do Absurdo.

Uma característica central do processo que levou ao primeiro pecado é a fala. A serpente fala com Eva; Eva fala com Adão; o Criador fala com os dois. É pela linguagem articulada que entra o pecado, então é importante entender de onde vem a linguagem. Seria ela a culpada pelo pecado? Uma falha no ato divino de dar vida aos seres e ao mundo? Por óbvio, a hipotética falha na Criação é impossível, então qual a relação entre a linguagem e o pecado?

A primeira menção bíblica à linguagem aparece no contexto da criação de Eva. Entre a decisão de criar Eva e a sua efetiva criação, o Eterno decide levar Adão para dar nomes aos animais. Chama a atenção o fato de este acontecimento ser

inserido em meio à criação da mulher. O tema é da maior seriedade. Dar nomes é uma das funções básicas da linguagem, e o contexto sugere que neste momento era criada a linguagem, ferramenta essencial para que homem e mulher pudesse se comunicar. Eva é criada com esta capacidade inata. Sendo assim, a linguagem humana é uma criação divina no mesmo patamar de Adão e Eva, e define nossa espécie da mesma forma que o casal primordial. A primeira conclusão desta análise é de que a palavra, por ser uma criação divina, não pode ser a origem do pecado. Foi um instrumento, mas não foi a causa.

O episódio do pecado envolve uma conversa entre Eva e a serpente. A figura da serpente é uma alegoria, já que os animais não receberam a faculdade da fala. O debate em torno da figura da serpente é longo e foge do escopo desta análise, embora seja em si um tema fascinante. O ponto central que nos interessa é a proibição: comer o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. O Criador bondoso proibiu Adão e Eva de acessarem o conhecimento? Não foi exatamente isso. A linguagem é uma ferramenta de acesso ao conhecimento. Lembre-se de que a linguagem é lógica, razão, capacidade de compreender racionalmente e transmitir esse conhecimento, portanto a criação da linguagem já implica na criação da capacidade de compreender o mundo. Apenas o conhecimento do Bem e do Mal estava limitado.

O Bem e o Mal são conceitos de Moral, no âmbito da Ética. Enquanto o Eterno criava o mundo, quando dizia que o que criara estava Bom, fundava também os conceitos Estéticos de bom e ruim. Ao criar a linguagem, gerou também a Lógica e a busca pela Verdade, mas em nenhum momento favoreceu a Ética. Enquanto toda a Criação estava à disposição do homem, os conceitos de bem e de mal permaneciam ocultos do conhecimento humano.

Se a Estética está associada ao prazer e à satisfação, e se a Lógica está associada à compreensão e à busca pela verdade, a Ética tem o julgamento como sua função

definidora. Por que o Criador queria evitar o julgamento dos homens? Uma forma de interpretar o que se seguiu ao consumo do fruto proibido pode iluminar esta questão. Assim que adquiriram, através do fruto proibido, a capacidade de julgar, Adão e Eva perceberam que estavam nus, se cobriram com folhas e se esconderam. A visão religiosa dominante relaciona esta ação ao pecado sexual, à proibição do prazer. Esta interpretação desconsidera que eles foram criados nus e assim permaneceram até decidirem que isto não era bom. Não veio do Criador esta decisão!

O pecado, pode-se dizer, não reside na nudez, mas no julgamento que fizeram da Criação ao se cobrirem. O ato de esconder os próprios corpos embute uma crítica à obra da Criação, já que seus corpos foram esculpidos pelo Eterno. O cerne do pecado original foi o julgamento humano da Criação divina. Uma vez adquirida esta capacidade, os homens se sentiram habilitados para julgar toda a criação divina, e é isto o que fazemos até hoje. As repercussões deste ato inicial são profundas, como veremos, e provocaram grande parte do nosso sofrimento. O ato é tão transformador e irreversível que não havia mais espaço para Adão e Eva no Jardim do Éden. Eles foram expulsos definitivamente, e com eles toda a humanidade. É importante, neste ponto, notar que o Eterno não decidiu recomeçar a humanidade, recriando novos Adão e Eva; apenas mandou-os seguirem suas vidas fora do Éden. Logo em seguida, os dois se confrontaram com a morte de Abel. Assim teve início o principal transtorno que acompanha, limita e, de certa forma, defina a saga humana.

6 – A paciência de Jó

A proverbial paciência de Jó é uma falha de interpretação. A associação da palavra paciência com a palavra tolerância é o resultado da mobilidade semântica que as palavras gozam na língua coloquial. Pathos, palavra grega que está associada ao significado original da palavra paciência, significa um sofrimento. Patologia é outra palavra derivada do mesmo termo, assim como paixão. Sofrimento, aqui, não é necessariamente no sentido negativo, como indica a palavra paixão, mas inclui toda sensação ou sentimento intenso.

Basta ler os primeiros capítulos do Livro de Jó para descobrirmos que a tolerância do personagem resiste pouco ao sofrimento. Jó é paciente como é seguro uma pessoa em tratamento num hospital: sofre os acontecimentos de forma passiva, outra palavra derivada do termo grego. O livro narra a revolta de um homem contra a situação de destruição e de desamparo em que se encontra. Jó se volta contra o Eterno de forma dura, direta. Pede que Ele se afaste e o deixe em paz; deseja a própria morte; amaldiçoa o ventre que o gerou. Sua indignação é clara, e a forma como ele se dirige ao Criador beira à heresia. Mas em nenhum momento duvidou de Sua existência.

A história de Jó é anátema da história da humanidade. Nós não nos conformamos com as dificuldades, as injustiças, com o sofrimento. E o culpado só pode ser um: como o Ser bondoso e onipotente pode permitir tanta dor, tanta maldade e tanta imperfeição? São deste tipo as as perguntas que Jó lança ao Criador. A resposta divina finalmente chega, e é quase um enigma. Ao invés de responder diretamente aos questionamentos de Jó, o Eterno lhe dirige uma série de perguntas do tipo: onde você estava quando criei a terra e os mares? Onde estava quando criei os astros e as estrelas? Segue-se uma lista de criações divinas, muito além da capacidade humana de criação. O que significam estas perguntas onde se esperavam respostas? As perguntas dirigidas a Jó indicam a perfeição do universo criado. A sequência de

feitos divinos apontam para o fato de que o sofrimento humano não deriva da Criação divina, que é perfeita, mas das ações do homem que se seguiram ao pecado original. Por que reclamar ao Eterno a causa dos males que Ele não gerou?

Mas não é isso o que fazem os religiosos? Em nossas orações, quantas vezes agradecemos pelo Sol e pela Lua? Pelas estrelas, pela noite e pelo dia? Ao nos maravilharmos com a beleza do mar, agradecemos a Criação? Não, as nossas orações são, principalmente, formadas por pedidos, e eles guardam pouco ou nenhuma relação com a Criação.

Em Gênesis, o mundo é criado a partir da palavra; a palavra do Eterno cria. Mas nós também recebemos a linguagem, e ela também se baseia na palavra. A palavra do homem também é capaz de criar? Para responder a esta pergunta, basta olharmos ao redor. Vivemos em casa, cercados por objetos fabricados. As casas estão em ruas asfaltadas onde circulam carros, trens, bicicletas. Recebemos notícias pelos aparelhos de televisão, rádios e telefones, e essas notícias tratam quase que exclusivamente de assuntos sociais e econômicos. Crises, guerras, disputas, falências e questões políticas. Nada disso aparece no relato da Criação. A quase totalidade dos acontecimentos do nosso dia a dia se dá em meio à criação humana.

Toda essa criação também parte sempre da palavra. É pela linguagem que uma ideia é lançada e cria uma imagem na mente de outras pessoas. Tudo o que o homem cria tem origem na palavra. Ao permitir a linguagem, lá no contexto da criação de Eva, o Eterno legou à humanidade a capacidade de criar mundos. O potencial de dar origem a, associado à capacidade de julgar o Bem e o Mal, adquirida no pecado original, gerou um abismo entre criatura e Criador. O homem passou a entender que poderia criar um mundo melhor, e produziu algo à sua imagem e semelhança. E como o homem é mais complexo do que sua própria mente pode entender, a sua criação se tornou ininteligível, complexa demais para a sua mente. A imensa maioria dos problemas que o homem enfrenta são gerados no seu próprio mundo, não no do Criador. Largados no portão do Éden, podemos imaginar

a angústia de Adão e Eva. Tinham seu destino nas próprias mãos, mas temiam a responsabilidade. Como afirma Sartre, a angústia resulta da própria liberdade. É possível que tenham tentado voltar, mas foram impedidos. O destino deles estava traçado fora do Éden; foram mandados a realizar uma longa travessia.

A travessia pelo deserto é um tema recorrente na Bíblia. Os hebreus percorreram por quarenta anos as montanhas ressecadas rumo à Terra Prometida. Encontraram dificuldades, sofrimento, conflitos e dúvidas. A própria fé foi, por vezes abalada. Em menor escala, a viagem de Abraão desde sua terra natal ruma à Terra Prometida é um prenúncio do destino do povo que ele mesmo gerou. Também neste caso encontramos dores, conflitos, guerras e dúvidas. O temor diante do faraó, a mentira e a entrega de Raquel nas mãos de outro homem, tudo isso é revelador da insegurança e da falta de firmeza em sua fé. E todos esses elementos aparecem na história de Jó.

O teste definitivo da fé de Abraão é o episódio do sacrifício de Isaac. Não é por menos que este episódio, talvez o mais dramático de todo o Pentateuco, tenha sido utilizado por Kierkegaard para ilustrar o "salto de fé". O enredo do sacrifício pode ser entendido como uma travessia pelo deserto, desde sua casa até a montanha onde Isaac seria sacrificado. Podemos imaginar o sofrimento psicológico de Abraão: quantas vezes não teve dúvidas? Quantas vezes não pensou em voltar atrás? Que pai, nessa situação, não retardaria o passo, prolongando a viagem, somente para ter seu filho ao lado por mais tempo?

Com base nessas histórias de travessia - que ocorrem repetidamente no texto bíblico – podemos considerar que o Eterno, ao colocar Adão e Eva para fora do Éden, levava-os a iniciar uma grande travessia pelo deserto em direção à Terra Prometida. Como em todas as passagens relatadas, e daí a importância desses relatos, ela é repleta de conflitos, sofrimento, guerras e dúvidas. A fé será desafiada, mas as outras histórias nos ensinam que o final é a chegada à Terra Prometida.

Deste ponto de vista, o paradoxo da existência fugaz do homem parece menos sombrio: o final será feliz e a vida eterna será atingida. Mas nós estamos no meio dessa travessia, seremos como toda uma geração de hebreus que sofreu por anos no deserto sem poder chegar ao destino final? Não seria possível ao menos amenizar o sofrimento? Se o Eterno é bondoso, porque não alivia essa dor?

Antes de endereçar essas questões, é necessário analisar as características desse sofrimento. O que mais preocupa, em média, o ser humano? Já mencionamos aquilo que as pessoas pedem em suas orações como fonte de informação sobre o que os aflige. Mas orações são íntimas e privadas. As pessoas só assumem publicamente orações que pedem mais saúde, principalmente para terceiros. Saúde é um bem tão fundamental que todos se sentem liberados para almejá-la. Além disso, está muito associada à proximidade da morte e, portanto, retornamos ao paradoxo que assola a humanidade, um problema de raízes tão profundas que toda preocupação associada a ele passa a ser aceita socialmente.

Mas a melhor forma de se aprender quais são as principais preocupações dos homens é observar as suas ações. Não é difícil elencar algumas das mais importantes e mais comuns: riqueza, poder, fama e status social. Dificilmente alguém negaria que essas quatro classes não se encontram entre as principais e mais intensas preocupações para a maioria das pessoas na sociedade moderna. Também é nítido que todas elas apresentam ao menos um aspecto em comum: não são citadas na criação do mundo relatada na Bíblia.

Assim, aquelas que são as maiores fontes de tensão entre os seres humanos não são obras do Criador, mas fazem parte do mundo criado pelos homens. Ao serem expulsos do Éden, os homens estavam equipados com a linguagem – a palavra que cria – e com a capacidade de julgar, ou seja o conhecimento do bem e do mal. Como vimos, o primeiro julgamento já foi contra a Criação e, fora do Éden, a humanidade se dedicou a criar um mundo seu, de acordo com o seu próprio julgamento, suposto a superar a obra divina.

Não deixa de ser curioso que o mundo criado pelos homens não seja inteligível pelos próprios criadores. São os assuntos ditos mundanos - desse mundo criado pelos homens – os que causam as maiores discussões nas famílias, de conflitos no ambiente de trabalho, os motivos de disputas políticas e de guerras. Não é difícil imaginar que essas sejam também as principais preocupações que aparecem nas orações dos fiéis. Se entendermos a travessia no deserto, tantas vezes apresentada na Bíblia como uma parábola da passagem da humanidade expulsa do Éden até a Terra Prometida, podemos então entender o sofrimento e as dúvidas: tudo isso é parte da existência de um homem que pensa com sua lógica, e julga com o seu conhecimento do bem de do mal.

Nesta linha interpretativa, vemos que alguns textos da Bíblia nos aproximam da questão tão estudada pelos filósofos existencialistas. Afinal, se os problemas que tornam nossa vida miserável são inevitáveis, qual o sentido de continuar vivendo? A resposta religiosa agora se tornou óbvia: o final é a Terra Prometida. O final das travessias no deserto é sempre feliz: os hebreus chegaram ao seu destino; Abraão retornou a casa com seu filho. A linha de raciocínio considerada aqui aponta para um afortunado final para os homens.

Mas a visão religiosa não resolve completamente o paradoxo. Quem suportar na fé durante a vida terrena ganhará a vida eterna no final, talvez, longínquo. Mas se oferece alguma esperança e conforto, e se dá algum sentido à vida, não explica a necessidade do sofrimento. A travessia não poderia ser por bosques floridos e praias espetaculares? Qual a razão de um Criador bondoso nos oferecer apenas o caminho pelo deserto?

Podemos voltar à narrativa de que os problemas não se devem à Criação, mas à obra dos homens; é a forma como nós criamos o mundo e determinamos nossos objetivos a origem de todos os problemas. Ainda assim, essa resposta soa como o diversionismo proposto por Sarte virado pelo avesso: aprecie tudo o que é ruim enquanto pode porque, quando o final feliz chegar, isso não será possível. Então, a

liberdade do ser humano de criar problemas será coisa do passado. O ideal seria saber antecipadamente do abençoado fim ao mesmo tempo em que se tem uma travessia harmoniosa e tranquila. Por que o Eterno não nos permitiu essa alternativa? Será que não?

Mais uma vez, um texto bíblico pode nos ajudar. Não é do Pentateuco, mas certamente é um dos livros mais enigmáticos e mal compreendidos da religião monoteísta, o Eclesiastes. Conhecido por afirmar que tudo o que fazemos é vaidade, ganhou a imerecida fama de ser um texto depressivo. O termo vaidade não é o melhor; vazio ou vacuidade seria mais adequado, fumaça ou vapor seria mais correto. À primeira vista o livro ressalta a efemeridade de nossas ações. Nossa vida é vã; nossas ações sem sentido. Somos todos Sísifo.

É relativamente fácil de entender quando o texto afirma que a busca pela riqueza, a busca pela fama, pelo sucesso e mesmo a busca pelo poder são atitudes vãs. Porém, o livro vai além e afirma que a busca pela sabedoria, pela piedade, pelo conhecimento, essas atitudes também são igualmente vazias. Se os primeiros objetivos são reconhecidos por quase todos como ambições perigosas e potencialmente danosas, os outros representam o símbolo de elevação de caráter e espírito, os objetivos que todos deveriam perseguir para tornar o mundo melhor. Estes são os fins almejados nos livros de autoajuda e, em parte, na transcendência budista. Mas se até os mais elevados objetivos que nossa alma mortal pode almejar são vaidades sem sentido, o que fazer?

Mas o livro não nos abandona nessa escuridão. Após mostrar que todos os valores que criamos para nós mesmos, elevados ou não, são nulidades, o Eclesiastes nos mostra uma saída para o sofrimento da travessia. Neste aspecto, este livro é o mais otimista de todos os livros, aquele que deveria resolver todos os nossos conflitos, mas não é a forma como ele é geralmente visto.

A dificuldade de se perceber a saída feliz apresentada no Eclesiastes se apoia em duas bases: a simplicidade da solução e a arrogância de nos considerarmos grandiosos demais para aceitá-la. A solução apontada em Eclesiastes ressoa o primeiro mandamento que o Criador deu a Adão e Eva: crescei e multiplicai-vos. Esta é a função que o Eterno espera que cumpramos nessa travessia, simples assim! Crescer e multiplicar não tem a ver, necessariamente, com ter filhos. Está igualmente relacionado ao amadurecimento pessoal e com o ato de cultivar uma nova geração, ensiná-la a fazer o mesmo - amadurecer e cultivar a próxima geração. Essa é a essência da travessia, na interpretação do Eclesiastes que encontramos aqui.

O mundo que criamos mascarou a simplicidade da vida. Criamos para nós mesmos objetivos inalcançáveis, que geraram dor, angústia, sofrimento e conflitos. Erguemos nossos olhos para o céu e perguntamos: por que tem que ser assim? O Eterno nos responde, como fez com Jó, que na sua Criação não existe nada do que se encontra na raiz dos nossos problemas. A beleza do pôr do sol, o luar refletido no oceano, o desabrochar de uma rosa, o som da água correndo no riacho; não pode ser um acaso que tudo o que é natural nos atrai. Cada fenômeno natural nos recorda da simplicidade da vida.

A missão contida no primeiro mandamento é tão singela, e tão incompatível com a nossa pretensão à grandeza, que acabamos por ignorar o prazer dessa travessia. Sem perceber a profundidade desta missão, nos distraímos procurando o significado da vida em outro lugar, criamos outras missões para nós mesmos, e depois não aguentamos os conflitos que elas geraram.

7- A morte de Sísifo

Voltando ao sofrimento de Sísifo os deuses pagãos estão a se divertir com o suplicio dele. Ele conseguiu seu maior desejo – a vida eterna - e agora vive para sempre na sofreguidão de levar a rocha para o topo da montanha. Chegando lá olha, entristecido e desamparado, a pedra rolar para baixo. Desce, cabisbaixo e abatido, para reiniciar o seu trabalho sem fim.

Mas eis que num dia, durante a subida, no esforço de carregar a pedra ladeira acima, Sísifo tem um lampejo, uma ideia que deixará os deuses estarrecidos. Carrega a rocha até o pico da montanha e ela rola para baixo novamente. Mas desta vez, o mitológico Rei de Corinto solta uma gargalhada, seus olhos brilham de alegria e ele desce dando saltos de satisfação para repetir, não mais o trabalho enfadonho, mas a diversão sem fim. Sísifo encontrava um sentido para o seu trabalho: ele sabe que a pedra cairá; ele sabe que o esforço é vão; mas, ainda assim, Sísifo sorri.

Os deuses do Olimpo olham a cena e ficam boquiabertos. Isso é totalmente inesperado! Sísifo havia transformado o sacrifício em diversão. Correm para contar o acontecido a Zeus. Após um momento de reflexão, percebendo que Sísifo acabaria com a vida eterna e com um sentido para a sua vida, o chefe do Olimpo decide: é hora de Sísifo morrer.

Resta a nós, herdeiros da maldição de Sísifo, encontrarmos nossas próprias soluções para o Absurdo. Seria possível, afinal, que o homem condenado encontrasse um ato que desafiasse os próprios termos do castigo eterno?